



Esta não é a feira antiga de São José do Egito. É apenas um registro para se ter a ideia de como era uma feira antigamente

A feira de São José do Egito e o movimento dentro da casa dos meus pais

Nos idos anos da década de 70, do século XX, a feira de São José do Egito (PE) era na rua da casa dos meus pais. Mesmo em frente, ficava o mercado de grãos e cereais, e no calçamento eram postos os utensílios domésticos, de uso do campo, roupas, calçados e demais coisas. Atrás da minha casa ficava o açougue onde vendia tudo relacionado a carne animal, e no entorno, ficava a feira de verduras, frutas e legumes. Então, o movimento da feira, na frente e no entorno da casa dos meus pais começava de madrugada, onde os feirantes arrumavam as barracas que parecia um balé colorido, repleto de sons e alegorias sertanejas. Durante minha infância assisti todo o movimento da feira, onde eu brincava com os colegas de se esconder, e também, aboticava os olhos para coisas que eu não tinha condição de comprar, como brinquedos de plástico, tipos carinhos, soldadinhos, entre outros, os quais povoavam o pensamento lúdico da minha existência.

Tanto meu pai como minha mãe nasceram na zona rural. Meu pai nasceu no sítio Serra do Machado, lado norte de São José do Egito, e minha mãe, no sítio Queimadas, no lado noroeste da cidade. De nome Francisco Ferreira dos Santos, meu pai era conhecido popularmente como vigário, devido na infância ter tido uma forte ligação com o padre da igreja matriz. E minha mãe Rita Leite Ferreira dos Santos, era conhecida como Ritinha de Vigário, tipo de nome agregado ao marido, hábito muito comum no sertão do século passado.

Meu pai era sapateiro. No auge da profissão ele fazia todo tipo de sapatos e equivalentes. Com a chegada dos sapatos, sandálias e botas da indústria paulista, meu pai ficou trabalhando em grande parte, no conserto dos calçados. A sapataria ficava no primeiro cômodo da casa, de frente para rua. Então, todo sábado o movimento de pessoas da cidade, e principalmente dos sítios, era muito grande na sapataria, uns trazendo alguma coisa para meu pai ajeitar, e outros para prostrar, trocar conversas, falar da política, dos conhecimentos da época, comentar sobre as coisas do roçado, da criação de animais campestre, a chuva ou seca. Enfim, todo tipo de conversa acontecia na sapataria. Esse ambiente de trabalho e de conversa povoou minha infância, e na cadência musical dos acontecimentos da feira, as falas dos feirantes anunciando seus produtos, a cantiga do martelo do meu pai, o tinido das panelas e outros produtos de metais vendidos na feira, pareciam uma orquestra com seus mil tons naturais. Nessa época aprendi o significado do dialeto sertanejo na feira e na sapataria, ouvindo os promodes, os pruvia, os adontes, os espia mermo, entre outros que, pareciam a poesia da música operística de Elomar ou do baião do saudoso Luiz Gonzaga e seus parceiros.

No cômodo da sala de estar, no dia da feira, a casa dos meus pais se transformava no ateliê de costura da minha mãe Rita Leite. Então, o movimento dentro de casa, desde a sapataria até sala onde mamãe trabalhava era muito intenso. As freguesas das cidades vizinhas e dos sítios vinham para a feira e aproveitavam o tempo para fazer a prova dos vestidos. O mais bonito era quando o vestido era de uma noiva camponesa. Então, toda a arrumação da noiva para o matrimônio na igreja matriz, pertinho da casa dos meus pais, acontecia na nossa residência, numa festa de alegria e de esperança para a noiva, pois iria mudar radicalmente de vida, numa época em que o casamento era levado muito a sério.

Além do que já foi citado sobre a casa dos meus pais, ela recebia muitos sertanejos ou sertanejas que vinham dos sítios para feira e ficavam arranchados lá em casa, onde deixavam suas compras, as vezes tomavam um café, e no fim da feira pegavam o que tinha deixado lá em casa para levar para o sitio de origem. Devido o grande fluxo de gente, desde cedo da manhã até o descambar da tarde, uma vez aconteceu um caso curioso. Um homem entrou de casa adentro (depois da sapataria tinha um corredor até a sala de estar) e ao chegar à sala, pediu que minha mãe botasse na mesa para ele, café, pão, tapioca, manteiga, leite e ovo. Mamãe fez tudo bem direitinho e ele comeu tudo. Quando terminou, perguntou, quanto custou o café, minha senhora? Mamãe respondeu, não foi nada. Ele ficou assustado, e perguntou novamente, por que o café para mim nesse hotel é gratuito? Mamãe na sua calma de anjo e sorrindo disse, aqui, meu senhor, não é hotel, é a casa de um sapateiro e de uma costureira que, além de receber os fregueses e freguesas, recebe durante a feira os amigos e amigas dos sítios que se arrancham aqui em casa. O homem pediu mil desculpas e saiu morto de vergonha.

Só quem é sertanejo e frequenta uma feira do sertão o que frequentou no passado, percebe como a dinâmica da feira é constituída de diversas configurações das relações humanas, do movimento comercial e das trocas de informações. Quanto menor a cidade mais encantadora é a feira, porque a gente fica mais perto dos acontecimentos, sente mais o calor humano e a exaltação dos feirantes, comercializando todo tipo de medicamento natural, contando causos, fatos cômicos, história de casamentos desmantelados, de pessoas que perderam o juízo, de assombração e dos milagres da fé religiosa. Na minha época de infância, ouvi muitas histórias das grandes secas, dos bons invernos, dos cangaceiros da região, de brigas e mortes por causa de terra, de pessoas que foram para São Paulo e nunca mais voltaram e de fatos políticos da época.

Como a sociedade vem passando por grandes mudanças, desde o fim do século passado, e os sítios estão ficando cada vez mais abandonados, devido a crescente falta de chuva, o desinteresse da geração nova em morar afastada da cidade, onde tem de tudo, é muito grande. Por isso, acredito que a feira de São José do Egito não tem a mesma configuração relativa à da minha época de criança e adolescente. Grande parte do produto alimentar não é mais produzido nos sítios, e quase tudo que é comercializado na feira vem de outras regiões, as vezes

distantes. O espírito das feiras antigas era justamente o homem do sertão ser o produtor e comerciante ao mesmo tempo. Tudo isso gerava conhecimento, troca de informações e a luta para ter o lucro diante da ameaça da seca.

Ao fazer este retorno ao passado, um cinema passa pela minha memória, orvalha os meus globos oculares, dando banho na lembrança do meu pai na sapataria e de minha mãe na máquina de costura. Com o coração apertado, ando pelas vielas do meu peito, não com a mesma alegria que eu tinha quando eu corria pelas vielas da feira, mas com a tristeza sufocante de saudade de um tempo que não volta mais.

Gilmar Leite Ferreira